

## A CRIANÇA COMO PARTICIPANTE EM PESQUISAS ACADÊMICAS: REFLEXÕES À LUZ DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Nair Correia Salgado de Azevedo<sup>1</sup>

### RESUMO

Pensar em pesquisas acadêmicas educacionais em que os participantes são crianças requer alguns cuidados e um dos principais é romper com paradigmas, como a de que a criança não é capaz de produzir conhecimento científico, por exemplo. Isso requer o abandono da visão de “criança objeto”, concebida por metodologias tradicionais e a necessidade em adentrar o mundo das crianças, envolvê-las como coparticipantes e construir conhecimentos *com* as crianças. O objetivo desse trabalho é refletir sobre as novas formas de pensar e fazer pesquisas na área da Educação e que propõem ter crianças como principais participantes, propondo considerar a voz delas de várias maneiras e buscar o rompimento com velhos paradigmas. Caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, usou de um aprofundamento teórico por meio de livros, documentos, artigos, dissertações, teses e outras pesquisas já publicadas que se propuseram a discutir a temática sobre pesquisa com crianças à luz da Sociologia da Infância. Foi possível concluir que introduzir as crianças como participantes nas pesquisas acadêmicas, requer dar voz a elas e isso significa ouvir suas opiniões, planejar algumas ações em conjunto, deixá-las a par de cada passo dado pela pesquisa, etc. Entretanto, é preciso afirmar que estudos que se propõem a coletar dados com crianças de maneira participativa não estão isentos de rigor científico e nem abstém o pesquisador de suas funções, como organizar esses dados, interpretá-los como o máximo de atenção aos detalhes fornecidos, cruzar os dados com o referencial estudado e argumentar suas ideias. Enfim, trata-se de realizar uma nova pesquisa respeitando a participação das crianças convidadas, pois elas muito nos têm a dizer sobre os contextos que foram pensados para elas, mas que em muitos momentos não se propõem a ouvi-las, como o contexto escolar ou acadêmico, por exemplo.

**Palavras-chave:** Pesquisa com crianças, Paradigmas de pesquisas, Sociologia da Infância.

### INTRODUÇÃO

*“Assim, pesquisar com crianças é, já em si, um convite a outra modalidade de pesquisa, é um convite a pensar a pesquisa como experiência e não a pesquisa como experimento”*  
(César Donizetti Pereira Leite)<sup>2</sup>

Pensar em pesquisas educacionais com crianças, significa num primeiro momento buscar uma mudança de paradigmas. Embora existam muitas discussões no meio educacional sobre a importância de se considerar as crianças como sujeitos ativos do processo de pesquisas

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Presidente Prudente. Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus de Laranjeiras do Sul/PR, [nairazevedo@hotmail.com](mailto:nairazevedo@hotmail.com);

<sup>2</sup> LEITE, C. D. P. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, 166 p.

acadêmicas para a infância, muito ainda há que se caminhar em direção ao reconhecimento das vozes infantis como dado científico dotado de todo rigor, planejamento e métodos que, por sua vez, gera a construção de conhecimento necessária para entendermos essa categoria geracional: a infância.

Para Saramago (2001), uma área que tem desempenhado um importante papel no sentido de considerar a importância das vozes infantis nas pesquisas acadêmicas com crianças, tem sido a Sociologia da Infância. Para a autora,

A sociologia da infância, enquanto investigação desenvolvida em torno da atribuição de visibilidade sociológica às vozes e aos olhares das crianças, tem testemunhado a existência de identidades das crianças fortemente edificadas sobre as bases da importância dos mundos sociais vividos e dos contextos de interação entre pares. Tais identidades são alimentadas por saberes práticos derivados de geradores práticos das práticas sociais quotidianas. Entende-se assim que cada criança faz parte de um universo amplo e complexo enquanto legítima unidade de análise (SARAMAGO, 2001, p. 10).

Ainda conforme Saramago (2001), a infância é caracterizada por um núcleo próprio, com relações intergrupais típicas, protagonizadas pelas crianças e que, por sua vez, são capazes de intervir socialmente pela própria experiência. Além disso, a autora nos alerta para o fato de que a escola pode ser eleita um local privilegiado para a observação desse grupo geracional, pois se trata de um agente muito importante em seu processo de socialização aos pares.

As relações intergrupais na qual Saramago (2001) se refere foi conceituada pelo sociólogo Willian Corsaro (2011), como “cultura de pares”. O termo “pares” é específico para se referir ao grupo de crianças que passa grande parte do tempo juntas, quase todos os dias. A “cultura de pares”, portanto, é definida pelo autor, conforme abordagem interpretativa, “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, calores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais” (CORSARO, 2011, p. 128).

Segundo Corsaro (2011) embora as crianças desempenhem um importante papel na produção de rotinas culturais com os adultos, seja na família ou em outros ambientes, as atividades ocorridas com outras crianças e sua produção coletiva – que gera, conseqüentemente, uma série de cultura de pares – são tão importantes como a interação delas com os adultos. Isso porque a cultura de pares “é pública, coletiva e performática” (CORSARO, 2011, p. 128), integram e contribuem para a cultura mais ampla de outras crianças e dos adultos que estão a ela integradas.

Embora a cultura de pares seja central para essa discussão sobre o papel das crianças no processo de produção cultural, isso não significa que a participação das crianças com os adultos, em diversos setores da sociedade, não deva ser contemplada como importantes.

Principalmente nos anos iniciais, as crianças experimentam das informações sociais interagindo diretamente com o adulto, dentro da família. À medida que a criança passa a conhecer outros ambientes longe da sua família, as relações interpessoais, emocionais e culturais com seus pares passam a ocorrer com mais frequência (CORSARO, 2011).

É necessário, porém, uma mudança de paradigmas nas pesquisas acadêmicas com crianças e a Sociologia da Infância nos ajuda a refletir e mudar nossas opiniões sobre vários aspectos, entre eles o fato de considerarmos a voz das crianças. Durante muito tempo as crianças foram vistas como um “vir a ser” e na história da humanidade não foram, durante séculos, sequer consideradas como membros da sociedade (ARIÈS, 1978), fazendo-se necessário discutir hoje a atuação das crianças como seres ativos no processo de construção do conhecimento científico para a infância.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre as novas formas de pensar e fazer pesquisas na área da Educação e que propõem ter crianças como principais participantes, propondo considerar a voz das crianças de várias maneiras e buscar o rompimento com velhos paradigmas.

## **METODOLOGIA**

Esse artigo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, o que segundo Pereira et al (2018) é uma necessidade para a realização de qualquer pesquisa científica. E por meio desse aprofundamento teórico que é possível aperfeiçoar o conhecimento sobre um determinado tema. Além disso, nesse tipo de pesquisa também ocorrem, além das buscas, a análise e discussão dos resultados obtidos pela busca desses materiais, fazendo com que o pesquisador chegue a uma ou várias conclusões sobre a temática estudada.

No caso desse estudo, buscou-se em livros, documentos, artigos, dissertações, teses e outras plataformas como bibliotecas virtuais e banco de dados de programas de pós-graduação, pesquisas já publicadas e que se propuseram a discutir a temática sobre pesquisa com crianças à luz da Sociologia da Infância.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para Sarmento (2011) a expressão “ouvir a voz das crianças” condensa todo um programa teórico que constata o silêncio no qual as crianças foram historicamente submetidas. A sociologia da infância então tem se preocupado em estudar as crianças como atores sociais de pleno direito, analisando-as como categoria geracional. Porém, mais que ouvir as vozes, é preciso atentar também para o que não é dito por palavras.

No entanto, o paradoxo maior da expressão “ouvir a voz das crianças” reside não apenas no facto de que *ouvir* não significa necessariamente *escutar*, mas no facto que essa “voz” se exprime frequentemente no silêncio, encontra canais e meios de comunicação que se colocam fora da expressão verbal, sendo, aliás, frequentemente infrutíferos os esforços por configurar no interior das palavras infantis aquilo que é o sentido das vontades e das ideias das crianças. Mas essas ideias e vontades fazem-se “ouvir” nas múltiplas outras linguagens com que as crianças comunicam. Ouvir a voz é, assim, mais do que a expressão literal de um acto de auscultação verbal (que, aliás, não deixa também de ser), uma metonímia que remete para um sentido mais geral de comunicação dialógica com as crianças, colhendo as suas diversificadas formas de expressão (SARMENTO, 2011, p. 28). [Grifos do autor]

Podemos perceber que realizar pesquisas com crianças significa se preocupar em realizar uma nova pesquisa, pois o reconhecimento da infância como categoria geracional, dotada de significados, com características próprias das identidades infantis, gera a preocupação com os métodos que delinearão tais estudos. Essa tarefa se dá pelo que Ferreira (2009) denomina como “novo paradigma da sociologia da infância”, que sugere o abandono da criança objeto concebida por metodologias técnicas e tradicionais o que significa penetrar no mundo das crianças, envolvê-las como coparticipantes e construir conhecimentos *com* as crianças. Para isso, é preciso reconhecer a infância como uma construção social que não pode ser compreendida separada de outras variáveis, como a de gênero, de classe social, etnia, etc., além de serem reconhecidas como categoria a ser estudada no presente, com as atuais configurações, e não em relação ao seu futuro como adultas.

Para que tais procedimentos possam ter maior sucesso, é preciso também romper com o olhar de cima para baixo que tem dominado muitos dos estudos acerca da infância. Durante muito tempo, as crianças foram (e ainda são, muitas vezes) “olhadas, mas não observadas, ouvidas, mas não escutadas, são silenciadas, uma vez que os adultos, continuando do “lado de cá”, ou podendo “estar lá”, mas afinal não “estar com” elas” (FERREIRA, 2009, p. 149). É reconhecer o papel fundamental de que, ninguém é melhor do que as próprias crianças para nos oferecer respostas às nossas perguntas.

Levar mais longe o reconhecimento das *crianças como sujeitos* é adotar uma concepção de pesquisa *com* crianças em que elas são vistas como *atores sociais* implicados nas mudanças e sendo mudados nos mundos sociais e culturais em que vivem, e como protagonistas e repórteres competentes das suas próprias experiências e entendimentos – elas são, portanto, as melhores informantes do seu aqui e agora (FERREIRA, 2009, p. 149). [Grifos da autora].

Outro rompimento natural durante o processo de pesquisa para a infância é com a percepção de que a criança é *o outro* – no sentido de ser diferente, imatura, “culturalmente ignorante e moralmente irresponsável” (FERREIRA, 2009, p. 151). Tais visões, que durante muito tempo insistiram em prevalecer em muitas pesquisas educacionais, apenas consolidou a

visão adultocêntrica que tanto impediu que enxergássemos a realidade. Em se tratando de pesquisas em que os sujeitos ativos do processo são crianças, o *outro* em questão não são os pequenos, e sim nós, adultos pesquisadores. O desafio parece estar em reconhecer, no caso dessas pesquisas, as vozes infantis como protagonistas desse palco.

Um dos caminhos que nos parece contribuir para que essa visão adultocêntrica possa, cada vez mais, se afastar das pesquisas com as crianças, é considerarmos a proposta de Delgado (2011) com relação à metodologia empregada em tais estudos – trata-se de criar métodos com as crianças. Para a autora, é preciso considerar vários aspectos, como, por exemplo, o diálogo entre vários campos do conhecimento, a reflexividade e a interação do pesquisador com as crianças envolvidas na pesquisa, além da criação de métodos diferentes com elas. Tais ações parecem ser um importante caminho para romper com paradigmas tradicionais nessas pesquisas e, principalmente, nos auxiliam a incluir as crianças cada vez mais como sujeitos das pesquisas educacionais acadêmicas por meio de múltiplas linguagens.

Para Martins Filho e Barbosa (2010), durante qualquer processo de pesquisa em que as crianças são os sujeitos, é preciso considerar que elas falam de muitas maneiras.

Com base nessa crença a criança passa a ser compreendida como sujeito principal, em primeira mão, a dar informações aos investigadores. O que significa dizer que, são elas os sujeitos privilegiados para o pesquisador perguntar, observar, conversar, fotografar, filmar e registrar em suas pesquisas (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 14).

Aqui entendemos que os verbos “perguntar”, “observar”, “conversar”, “fotografar” e “filmar” não devem ser ações realizadas apenas pelo pesquisador. Muitas pesquisas já realizadas têm revelado a grande capacidade das crianças executarem tais ações (AZEVEDO, 2022; LEITE, 2011; SARAMAGO, 2001). As crianças geram dados de várias maneiras, caso elas tenham a oportunidade para isso. Para Azevedo e Betti (2014) o que parece ser coerente é considerar que, se as crianças são diferentes dos adultos e diferentes entre si, é preciso pensar em métodos mais adequados para tal geração de dados.

Se as crianças não são iguais, se se comportam e se expressam de maneiras peculiares, existe a necessidade de buscar várias formas de “ouvir”, pois há crianças falantes, outras mais tímidas, e aquelas que gostam de manifestar seus sentimentos e opiniões de modo não verbal. Portanto, seria negligência usar apenas métodos tradicionais, sem refletir criticamente se eles seriam adequados e suficientes para que as crianças pudessem se expressar (AZEVEDO; BETTI, 2014, p. 302).

Martins Filho e Barbosa (2010), na mesma direção em romper com o tradicionalismo nas pesquisas com crianças, afirmam que a transformação dos métodos nesse caso é crucial, especialmente na fase de coleta dos dados. E para isso é preciso muito mais que observar o mundo das crianças – é “preciso penetrar, além do mágico que delas nos separa, em suas

preocupações, suas paixões, é preciso viver o brincar” (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 17), além de considerar outras variáveis, como o contexto social da criança, por exemplo.

Já com relação às linguagens, Rocha (2008) argumenta que os diferentes procedimentos metodológicos em pesquisas com crianças devem lembrar-se sempre de que a linguagem oral não pode ser considerada como a única, pois ela está acompanhada de várias outras linguagens como as expressões corporais, gestuais e faciais, por exemplo. “Desde já se indica, portanto, a necessidade do cruzamento de procedimentos de escuta utilizando diferentes suportes expressivos em momentos diversos.” (ROCHA, 2008, p. 45).

Além disso, para Rocha (2008) é preciso aliar técnicas que possibilitem a ampliação de ferramentas para uma maior compreensão dos contextos vividos pelas crianças. No mesmo sentido, Graue e Walsh (2003) nos alertam que nenhum método de investigação científica pode ser engessado e é preciso englobar abordagens diferentes especialmente quando os sujeitos envolvidos forem crianças. É importante buscar novas perspectivas “mantendo a riqueza multifacetada das suas vidas, porém, este objetivo não pode ser alcançado com uma abordagem de focagem estreita” (GRAUE, WALSH, 2003).

O que define os melhores métodos é o contexto da investigação e uma das preocupações deve ser tentar descobrir o que é ser criança atualmente. Nosso objetivo, enquanto pesquisadores, não deve ser o de investigar o que se passa dentro de uma criança em si, mas entre as crianças, em suas relações e interações. “A infância é uma construção contínua e deve ser observada de muitos ângulos para ser devidamente compreendida e assimilada” (GRAUE, WALSH, 2003, p. 53). Vemos, portanto, que é fundamental para o pesquisador esse processo de ver e ouvir.

*Ver*: observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho e a técnica. *Ouvir*: captar e procurar entender; escutar o que foi dito e o não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender gestos, discursos e ações. Esse aprender de novo a ver e ouvir (a estar lá e estar afastado; participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação) se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzida na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 86). [Grifo dos autores].

Trata-se de uma mudança de paradigmas em que novas formas de pensar o papel da infância precisa estar em pauta nas pesquisas em Educação. O termo “paradigma”, definido como conjunto de experimentos científicos reconhecidos universalmente que se tornam modelos de soluções para a comunidade científica a partir da obra “*The Structure of Scientific Revolutions*” de Kuhn em 1962 não foi, segundo Esteban (2010), poupado da crítica de diversos

autores desde então. Definido como uma conceituação vaga por muitos do meio acadêmico, o termo agrupou-se, conforme Kuhn, em três âmbitos: 1) Aspecto filosófico (imagens do mundo e crenças da comunidade científica, como por exemplo, atomismo, mecanicismo, evolucionismo, etc.); 2) Aspecto sociológico (Relações entre comunidade de cientistas que seguem um mesmo paradigma, o apoio a determinadas linhas de pesquisa, publicações, manuais de ensino universitário, congressos etc.); 3) Aspecto científico (relacionado aos problemas já resolvidos e aos principais exemplos que são argumentados pela utilização do próprio paradigma em questão).

Entendo que o termo “paradigma”, no sentido de crer que determinada forma de ver, analisar e interpretar os processos educacionais possui um caminho já trilhado e, portanto, digno de ser seguido, ainda se faz presente em algumas pesquisas educacionais acadêmicas. Principalmente quando os envolvidos são crianças, vemos que o termo “paradigma” significa, muitas vezes, apenas observá-las sem, no entanto, tentar fazer com que elas expressem mais suas opiniões. Muitos autores como Corsaro (2011), Sarmiento (2011), Martins Filho (2011), Delgado e Mülher (2009) nos tem alertado sobre a importância de se romper com velhos paradigmas para que possamos considerar a real visão e voz das crianças.

Não se trata nesse caso de se anular como pesquisador. Como bem nos lembram Martins Filho e Barbosa (2010), tais pesquisas exigem sim uma mudança de métodos que tornem as crianças mais ativas durante o processo, mas da mesma forma que não podemos subestimar as crianças, também não podemos superestimá-las.

Nesse sentido é fundamental aprofundar um ponto de equilíbrio no que se refere à participação de adultos e de crianças: no caso das crianças, se não é mais aceitável subestimá-las, também tem que se ter cuidado para não superestimá-las na escolha dos procedimentos metodológicos, esta concepção provoca uma diferença nos estudos sobre as infâncias, pois se a criança é ativa, o adulto jamais será passivo e vice-versa (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 15).

Ainda segundo Martins Filho e Barbosa (2010), tal equilíbrio auxilia a romper com o autoritarismo ou espontaneísmo que impregnou, durante muito tempo, as metodologias de pesquisas com crianças. Está aí um típico exemplo de paradigma importante a ser rompido nesses tipos de pesquisa: as relações de poder entre adultos e crianças.

Mais um exemplo de paradigma a ser superado, especialmente quando o interesse é adentrar o mundo das crianças como é o paradigma de que o adulto não brinca. Ora, se queremos saber como é que se dão as relações entre pares numa comunidade infantil e não queremos brincar com elas, consideramos que tal atitude apenas contribui para um viés muito grande e que pode nos induzir a conclusões equivocadas ao interpretar as ações das crianças.

Vemos em Corsaro (2009) um exemplo claro sobre essa questão. O autor só teve a certeza de que se tornara um membro do grupo de crianças italianas pesquisadas por ele quando as mesmas o chamaram para brincar. Na mesma direção, Martins Filho (2011) argumenta que, para que tais estudos possam verdadeiramente expor a opinião dos pequenos, a aproximação entre o pesquisador e as crianças, assim como a própria observação e inserção no mundo infantil, devem ser realizadas respeitando a forma peculiar de ser das crianças.

Para tal, postulam a necessidade de ultrapassar o discurso esmagador legitimado historicamente pela razão adultocêntrica, que, até o momento, alimentou as ciências humanas e sociais. Nesse sentido, os autores afirmam a necessidade premente de o pesquisador ficar entre as crianças. Somente assim, entendem, poderá gerar um envolvimento muito maior com os sujeitos pesquisados, pois o contato direto permite construir uma atmosfera muito positiva, lúdica e humana no desenvolvimento das pesquisas com crianças (MARTINS FILHO, 2011, p. 94).

Além disso, é preciso que o pesquisador tenha em mente que é preciso descobrir, entre as possibilidades que nos são dadas pelas crianças, uma nova forma de pesquisar, “principalmente no intuito de inventar, criar e estabelecer outras formas de comunicação com elas, o que coincidirá com a criação de outros procedimentos teórico-metodológicos de pesquisa” (MARTINS FILHO, 2011, p. 96).

Por todas essas razões é que a pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, tem sido elencada por vários pesquisadores como uma das formas mais adequadas de se realizar pesquisas com crianças. Características como a flexibilidade de métodos, a possibilidade de adentrar o mundo pesquisado de forma engajada e prolongada faz com que esse tipo de pesquisa se torne bastante adequada quando os sujeitos são crianças.

André (2015) comenta que a pesquisa do tipo etnográfico é assim denominada, pois faz uso de técnicas que tradicionalmente são usados pela Etnografia, como a observação participante, a entrevista, e a análise documental, por exemplo. Uma das principais diferenças uma Etnografia e uma pesquisa do tipo etnográfico, é que a Etnografia exige que o pesquisador tenha contato com outras culturas relevantes ao tema que se propõe a estudar, além de ter que permanecer um longo tempo em campo. A pesquisa do tipo etnográfica é na verdade uma adaptação da Etnografia à Educação, o que pressupõe que nem todas as etapas ou requisitos da Etnografia serão cumpridos.

Então, se podemos usar de muitos atributos da Etnografia para realizarmos nossa pesquisa, podemos também partir da ideia de Corsaro (2011), que elenca a etnografia como um exemplo eficaz, pois com relação às crianças, suas “interações e culturas são produzidas e compartilhadas no presente e não podem ser obtidos facilmente por meio de entrevistas



reflexivas ou questionários” (CORSARO, 2011, p. 63). Além disso, é importante que o pesquisador se envolva na realidade do grupo estudado:

A etnografia geralmente envolve um trabalho de campo prolongado no qual o pesquisador obtém acesso a um grupo e realiza observação intensiva durante meses ou anos. O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos (CORSARO, 2011, p. 63).

Corsaro (2011) ainda dá outros exemplos possíveis de métodos que a etnografia pode proporcionar: o *método reativo*, que consiste em entrar numa área em que as crianças se encontram reunidas e esperar que elas reajam à presença do adulto que ali está e, nesse caso, a estratégia é aguardar que a curiosidade das crianças gere uma aproximação; a *conversa de pesquisa* feita por meio de entrevistas em grupos, de preferência com seleção de tópicos realizados com as crianças, pois assim há um maior interesse pelas perguntas evitando o cansaço que uma entrevista tradicional ocasiona; a *descrição* não apenas do que é visto e ouvido além do comprometimento com uma descrição densa das observações; uso da *flexibilidade* e *autocorreção das perguntas* norteadoras do estudo; o *envolvimento das crianças* na documentação das atividades que ocorrem durante o processo de investigação, que pode ser desde o próprio Diário de Bordo do pesquisador até pequenas anotações e desenhos e; a utilização de *gravadores de áudio e vídeo* para a captação de atividades que envolvem movimento, especialmente atividades lúdicas, rotinas e jogos.

Dessa forma, podemos concluir que, pesquisar com crianças, como também observam Graue e Walsh (2003), envolve o desafio e a capacidade de adaptação e criação:

A investigação é, e deve ser, um processo criativo, e a geração de dados sobre crianças desafia-nos a ser especialmente criativos. Ao fazer trabalho de campo com crianças, têm de se encontrar permanentemente maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças e de recolher traços físicos das suas vidas (GRAUE; WALSH, 2003, p. 120).

Sem dúvidas podemos inferir até aqui que a flexibilização dos métodos é um item muito importante no processo de pesquisas com crianças, mas não podemos deixar de mencionar também as questões éticas, como o consentimento livre esclarecido e o respeito à criança que participa das pesquisas que as envolvem.

De acordo com Azevedo e Betti (2014), ao pensarmos em pesquisas acadêmicas que objetivam protagonizar o papel das crianças, isso significa automaticamente pensar em pesquisas que se preocupem com a questão ética de forma muito peculiar. Isso quer dizer que precisamos considerar que muitos métodos plenamente adequados em pesquisas com adultos podem assim não ser quando se trata de crianças. Já exemplificamos aqui a questão das

entrevistas que necessitam de uma nova abordagem com os pequenos e podemos, nesse momento, nos estender ao sigilo que, além de importante, deve ser tratado com rigor, pois não podemos de forma alguma expor as crianças.

Além disso, o consentimento livre e esclarecido, feito geralmente com os pais, precisa ser feito também com as crianças: elas têm o direito de se recusarem ou não a participar de qualquer pesquisa que tenha relação com elas.

Mais ainda, consideramos que é preciso ir além do consentimento esclarecido dos pais ou responsáveis; embora necessário, não seria coerente realizar uma pesquisa qualitativa participativa, que pretende ouvir a fala das crianças, e não perguntar a elas se querem ou não participar, além de contraditório, estaríamos desrespeitando as crianças (AZEVEDO, BETTI, 2014, p. 300).

Portanto, independente da etapa em que a pesquisa se encontra, do método utilizado para a coleta dos dados com as crianças e demais ocorrências durante o processo, é muito importante que elas sejam sempre consultadas. Isso significa respeitá-las e considerá-las atores em todo o processo de qualquer pesquisa que objetiva a sua participação real nesses estudos.

Seria possível ainda explicar sobre vários outros paradigmas que rondam os contextos educacionais e acadêmicos, como o da criança como um “vir a ser”, a criança como uma “tábula rasa”, a “criança-objeto”, a criança como um ser “*enfant*”... Todos esses paradigmas ainda precisam ser discutidos quando o assunto é crianças como participantes de pesquisa em educação, visto que os dados que elas nos trazem também são diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou refletir especialmente sobre o processo de participação de crianças nas pesquisas em Educação. Mostrar que o protagonismo infantil é possível, e o rompimento de paradigmas como “a criança *enfant*”, como um ser que não pensa e não tem ideias, parece ser um bom começo para superar a visão de que elas não possuem competência para opinar e participar ativamente dos processos que as envolvem.

Se quisermos introduzir as crianças como participantes ativos nas pesquisas acadêmicas, precisamos dar voz a elas, o que implica ouvir suas opiniões, planejar algumas ações com elas, deixá-las a par de cada passo dado pela pesquisa, mudar o percurso caso seja necessário, ambientá-las cada vez mais ao contexto da pesquisa, enfim, é realizar uma nova pesquisa.

A pesquisa com crianças requer outra modalidade de pesquisa – é preciso mudar o foco e entender os fatos sob a ótica das crianças. A flexibilização e a tentativa de buscar com as crianças as melhores técnicas para que os dados possam ser coletados parece ser um bom

caminho para enxergá-las como participantes ativos em todo o processo. Isso, porém, não significa que devemos, superestimar a capacidade das crianças na fase de coleta dos dados.

É óbvio que uma pesquisa que se propõe a expor o mais fielmente possível a visão das crianças deve incentivá-las para que a participação aconteça de forma ativa nesse processo, mas isso não abster o pesquisador de suas funções, como organizar esses dados com rigor, interpretá-los como o máximo de atenção aos detalhes fornecidos, cruzar os dados com o referencial estudado e argumentar suas ideias.

Entre outras palavras, isso significa que as crianças nos oferecerão os dados, mas sua interpretação é feita pelo pesquisador, e quanto mais imerso, mais ambientalizado e mais disciplinado for a capacidade de organização e triangulação dos dados pelo pesquisador, maior será a concretização dos objetivos de seu estudo e menos equívocos interpretativos (o que compromete qualquer pesquisa de forma grave) ocorrerão.

Por fim, é preciso respeitar a criança que convidamos para participar de nossas pesquisas, pois elas muito nos têm a dizer sobre contextos que foram pensados para elas, mas que em muitos momentos não se propõem a ouvi-las, como o contexto escolar ou acadêmico, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2015.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

AZEVEDO, N. C. S. **Culturas lúdicas infantis na escola: entre a proibição e a criação**. Curitiba: CRV, 2022.

AZEVEDO, N. C. S.; BETTI, M. Pesquisa etnográfica com crianças: caminhos teórico-metodológicos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v.25, n.2, p. 291-310, Mai./Ago. 2014.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos como William Corsaro**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C. C. Estudos socioantropológicos da infância no Brasil. Caminhos, problematizações e diálogos. In: MARTINS FILHO, A.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, Autores Associados, 2011, p. 181-210.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In:

CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança Fala**. A escuta de crianças em pesquisas. São Paulo, Cortez, 2009, p. 141-157.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, M. M. M. “Branco demais” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa *com* crianças. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da infância**. Educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 143-162.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MARTINS FILHO, A. J. Jeitos de ser crianças: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped. In: MARTINS FILHO, A.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, Autores Associados, 2011, p. 81-106.

MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. C. S. Metodologias de pesquisa com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n.2, p. 8 – 28, Jul./ Dez. 2010.

PEREIRA, A. S. et al. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria: UFSM, 2018.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In S. H. V. Cruz (Org.). **A criança fala**: A escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.

SARAMAGO, S. S. S. Metodologia de pesquisa empírica com crianças. **Sociologia, problemas e práticas**, n.35, p. 9-29, 2001.

SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, A. J. M.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, Autores Associados, 2011, p. 27-60.

SILVA, J. P.; BARBOSA, S N. F.; KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p.79-101